

### BRASILPREV DINÂMICO II FIC FI MULTIMERCADO

#### Objetivo do Fundo

O objetivo do fundo é buscar a maximização da rentabilidade através de uma combinação de estratégias de renda fixa e de renda variável no Brasil e/ou no exterior dado um determinado nível de risco. Devido à sua característica de longo prazo, e na busca por melhores rendimentos para o portfólio, o fundo estará sujeito a flutuações nos valores dos ativos.

#### Público Alvo

O FUNDO destina-se, exclusivamente, à aplicação dos recursos financeiros oriundos das provisões dos planos de previdência complementar e seguros de pessoas com cobertura de sobrevivência instituídos pela BRASILPREV SEGUROS E PREVIDÊNCIA S/A, cotista exclusivo.

#### Informações Gerais

Fundo	BRASILPREV DINÂMICO II FIC FI MULTIMERCADO
CNPJ	03.537.415/0001-97
Gestor	Brasilprev Seguros e Previdência S/A
Administrador	BB Gestão de Recursos DTVM S/A
Início do Fundo	28/11/2001
Taxa de Adm.	1,50 % a.a.
Auditoria	KPMG Auditores Independentes
Código ANBIMA	101001
Categoria Anbima	Previdência Balanceados 15 a 30

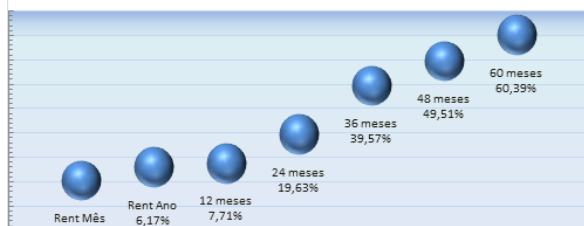
#### Dados do Fechamento Mensal

Patrimônio	Cota 30-nov-18	Cota 29-dez-17
R\$	468.806.945,19	6,208784

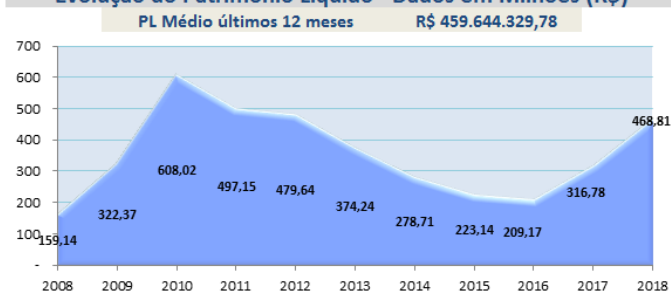
#### Histórico de Rentabilidade do Fundo

	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Acum. Ano
<b>2014</b>	-1,01%	0,62%	1,81%	1,07%	0,72%	1,21%	1,42%	2,51%	-1,70%	0,98%	0,70%	-0,89%	<b>7,59%</b>
<b>2015</b>	-0,32%	2,22%	0,56%	2,30%	-0,14%	0,75%	0,15%	-1,07%	0,08%	1,33%	0,53%	0,24%	<b>6,76%</b>
<b>2016</b>	-0,05%	1,81%	3,60%	2,21%	-0,93%	1,89%	2,75%	0,97%	0,96%	2,40%	-0,25%	0,56%	<b>17,04%</b>
<b>2017</b>	2,21%	1,57%	0,40%	0,53%	-0,24%	0,62%	1,84%	1,86%	1,40%	0,26%	-0,42%	1,44%	<b>12,06%</b>
<b>2018</b>	2,34%	0,40%	0,48%	0,41%	-2,38%	-0,73%	1,99%	-0,18%	0,93%	1,97%	0,86%	-	<b>6,17%</b>

#### Rentabilidade do Fundo



#### Evolução do Patrimônio Líquido - Dados em Milhões (R\$)

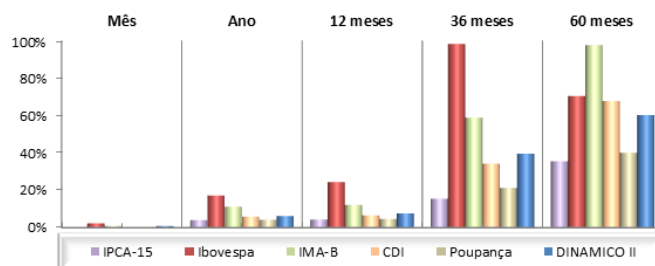


#### Tabela Rentabilidades no Período

Data	Mês	Ano	12 meses	36 meses	60 meses
<b>DINAMICO II</b>	<b>0,86%</b>	<b>6,17%</b>	<b>7,71%</b>	<b>39,57%</b>	<b>60,39%</b>
Poupança	0,37%	4,24%	4,68%	21,23%	40,05%
CDI	0,49%	5,90%	6,47%	34,25%	67,83%
IMA-B	0,90%	11,22%	12,15%	58,96%	97,83%
Ibovespa	2,38%	17,15%	24,36%	98,37%	70,54%
IPCA-15	0,19%	4,03%	4,39%	15,48%	35,52%

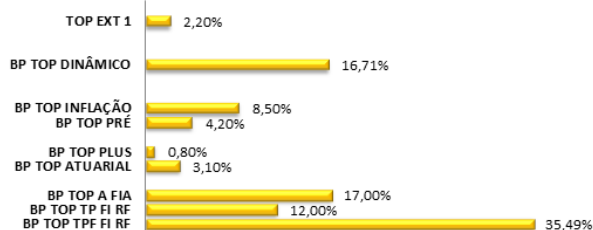
\*\* Variação da poupança considerando a regra de rentabilidade 0,50% + TR  
Os indicadores tratam-se de mera referência econômica e não de meta ou parâmetro de performance

#### Rentabilidade do Fundo X Indicadores

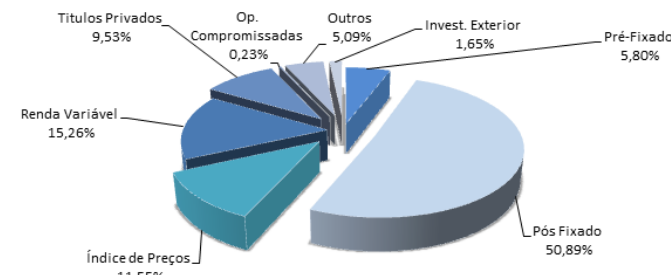


#### Composição da Carteira FIC

##### FIEs Brasilprev



#### Composição de Títulos



\* É recomendada a leitura cuidadosa do regulamento e do prospecto do fundo de investimento pelo investidor, antes de investir. A rentabilidade obtida no passado não representa garantia de rentabilidade futura. A rentabilidade divulgada não é líquida de impostos. Fundos de investimento não contam com garantia do administrador do fundo, do gestor da carteira, de qualquer mecanismo de seguro ou, ainda, do fundo garantidor de créditos (FGC).

\* Este boletim tem caráter meramente informativo, não podendo ser distribuído, reproduzido ou copiado sem a expressa concordância da Brasilprev Seguros e Previdência S.A. Apesar de zelar pela exatidão dos dados, a Brasilprev Seguros e Previdência S.A. não se responsabiliza pela total precisão das informações que poderão, eventualmente, estar incompletas ou resumidas.

Fonte informações de Fundos: Quantum Axis

Fonte Indicadores: Bovespa, FGV, Banco Central do Brasil e CETIP

## PANORAMA MACROECONÔMICO

Em Novembro houve ligeira descompressão dos riscos no ambiente global, após a sinalização do banco central norte americano de que o ciclo de aumento das taxas de juros pode ser menor do que o esperado. Ainda assim, os riscos de médio e longo prazo persistem e devem ficar mais evidentes no decorrer de 2019.

As sondagens econômicas continuam a indicar desaceleração da atividade global, que tem sido mais intensa na Europa. Nos EUA, estes sinais são menos evidentes, uma vez que a economia está impulsionada pela redução de impostos do governo Trump, pelos baixos níveis de desemprego e pela confiança em patamares elevados. Contudo, alguns setores mais sensíveis ao ciclo de aumento de juros - imobiliário e automotivo - demonstraram

alguns sinais de esfriamento.

Dentre os emergentes, a China também demonstra sinais de desaceleração, num contexto mais desafiador de guerra comercial com os EUA. Em reação, o governo Chinês adotou uma séria de medidas de expansão monetária, o que deverá resultar em queda gradual e lenta do PIB.

Para o Brasil, apesar do contexto internacional desafiador no médio prazo, há razões para moderado otimismo. A atividade econômica permanecerá em recuperação gradual, amparada em condições monetárias favoráveis. A inflação de 2018 ficará próxima de 3,80% e as expectativas para 2019 divulgadas pelo Banco Central continuam contidas ao redor de 4,00%. Isto, somado ao mercado de trabalho com altos níveis de desemprego e

baixos níveis de utilização da capacidade instalada permitem ao BACEN estender o atual ciclo de juros em 6,50% até meados de 2019.

A grande questão para a continuidade da recuperação é sobre a agenda de reformas, particularmente a da previdência. É primordial a consolidação fiscal, que reduziria a percepção de risco país e poderia desencadear um novo ciclo de crescimento. Por hora, o novo governo tem formado um time econômico de perfil técnico. Resta esperar para sabermos qual será a real possibilidade política do novo governo levar a cabo a agenda reformista.

## **PALAVRA DO GESTOR**

O mês de novembro foi marcado por importantes eventos, entre eles, a forte pressão no setor de tecnologia da bolsa dos EUA, após uma temporada de resultados de balanços mais mistos, o acordo firmado entre União Europeia e Inglaterra em torno dos termos do Brexit e, por fim, o discurso do presidente do Banco Central dos EUA, que elevou o humor dos mercados globais na última semana do mês ao sinalizar que o atual ciclo de aumento dos juros pode ser menor do que o esperado. A declaração encorajou o mercado a voltar a alocar risco em algumas classes de ativos, em especial em ativos emergentes.

Esta janela de oportunidade fez com que o IBOVESPA alcançasse a marca histórica de 90 mil pontos no dia 30/11, encerrando o mês com alta de 2,38%. Este movimento foi em parte impulsionado pelo investidor estrangeiro, mas não o suficiente para reverter o fluxo negativo no mês, com saída de R\$ 3.76 bilhões. O índice Dividendos (IDIV) subiu 7,28% e o índice Small Caps (SMLL) apresentou variação também positiva de 4.79%. O dólar, por sua vez, cravou alta de 3.92% no mês, cotado a R\$ 3,86.

Grande parte do movimento da alta da bolsa no período pós-

eleitoral foi impulsionada por capital interno. O investidor estrangeiro tem demonstrado cautela, esperando a efetivação das reformas, principalmente aquelas direcionadas à consolidação fiscal. Por isso, acredita-se que a agenda de reformas, principalmente da previdência, pode ser um catalizador para a continuidade do ciclo de alta da bolsa brasileira ao menos no início de 2019.

O maior risco a este cenário é o quadro externo. O aperto das condições financeiras em curso nas economias centrais, mesmo que em ritmo moderado, deverá ser gatilho para realização nas bolsas externas. O contágio para o Brasil dependerá do avanço efetivo que o novo governo terá conquistado.

Nesta perspectiva, o governo eleito já indicou vários nomes para os principais cargos, especialmente na área econômica. São profissionais de excelente formação e com carreiras bem sucedidas tanto no setor público quanto no setor privado. O exemplo disto foi à indicação bem recebida pelo mercado do economista Roberto Campos Neto, executivo do banco Santander, para comandar o Banco Central do Brasil. Além da formação da equipe, há também a definição da prioridade do governo eleito que, segundo

o futuro ministro da economia, é a reforma da previdência.

Com o objetivo de capturar o maior potencial dos ativos locais, a gestão do fundo multi-mercado Dinâmico e Multiestratégia, optou por aumentar a exposição em renda variável local Brasil e reduzir a alocação de renda variável no exterior, uma vez que o cenário para ações nos EUA começa dar sinais de esgotamento do ciclo de alta.

Na parcela de renda fixa, optou-se por reduzir as exposições de ativos prefixados e aumentar a exposição em ativos atrelados à inflação de longo prazo, visto que a conjuntura segue benigna para a inflação corrente e futura com um balanço de riscos equilibrado. Esta alocação será ainda mais beneficiada se a agenda de reformas avançarem.

Em resumo, a equipe de gestão em multimercados vê uma boa janela de oportunidade para os ativos locais, dado o cenário econômico cautelosamente otimista e o avanço das reformas que, em algum momento, refletirá nos preços dos ativos.